

# Formação discursiva: vale a pena lutar por ela

Roberto Leiser Baronas\*

\*Departamento de Letras - Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Alto Araguaia – MT - Brasil e Instituto de Linguagem - Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) – Cuiabá – MT – Brasil – [baronas@uol.com.br](mailto:baronas@uol.com.br)

**Abstract:** *This article propose, without complexity and exhaustion to reinterpretat the concept of discursive formation stoping of seeing by the side the gender as accessory and the position as determinant, but both as essential elements in the supply of the conditions those possibilitate the discursivities. Besides, propose to interpret the notion of discursive formations by a dialogic way returning return to the Discursive Analysis its heuristics vocation, slowly deserted after the Michel Pechêux death in 1983.*

**Key words:** *discourse, discursive formation, dialogism, discursive gender, interpretation.*

**Resumo:** *O artigo objetiva, não sem complexidade e esgotamento, reinterpretar o conceito de formação discursiva deixando de ver de um lado o gênero como acessório e o posicionamento como determinante, mas ambos como elementos essenciais no fornecimento das condições que possibilitam as discursividades. Desse modo, propõe-se reinterpretar a noção de formação discursiva de uma maneira dialógica, procurando devolver a Análise do Discurso a sua vocação heurística, gradativamente denegada após a morte de Pêcheux em 1983.*

**Palavras-chave:** *discurso; formação discursiva, dialogismo, gênero discursivo, interpretação.*

## 1. Introdução

Ao ler a narrativa da história da análise do discurso francesa é possível por um lado constatar que um de seus conceitos fundantes, o de formação discursiva, é abandonado no início dos anos oitenta na França. As razões para a sua renúncia, que vão desde a alegação do seu caráter eminentemente taxionômico até a existência de uma relação conflituosa entre o marxismo e as idéias de Michel Foucault, nem sempre ficaram muito claras. Há em relação à narrativa do conceito formação discursiva nos termos de Guilhaumou (2003), “um eclipse não explicitado”. Por outro lado, essas narrativas publicadas em francês e em português asseveram que Michel Pêcheux teria emprestado o sintagma – formação discursiva – da *A Arqueologia do Saber*, de Michel Foucault, para, à luz do materialismo histórico, reconfigurá-lo, relacionando-o com o conceito althusseriano de ideologia.

Neste texto, numa primeira hipótese de trabalho, além de questionar essa assertiva, dizendo que tal conceito tem pelo menos uma paternidade partilhada, procuro evidenciar numa segunda hipótese que, desde que reconfigurado a partir do mirante do dialogismo bakhtiniano, esse conceito pode ainda ser bastante produtivo para a teoria do discurso.

## 2. A paternidade partilhada da formação discursiva

A noção de formação discursiva teria aparecido pela primeira vez em *A arqueologia do saber*, texto que, posteriormente, nos *Ditos e escritos*, o próprio Foucault diz que teria sido escrito como introdução de *As palavras e as coisas* e que posteriormente fora transformado num livro que tenta teorizar sobre a história das chamadas ciências do homem. Contudo, não numa história tradicional, contínua na qual os seres humanos marcham em busca de um *télos*, de um devir, mas numa história descontínua que descreve o momento mesmo de irrupção dos acontecimentos discursivos, tornando-os inteligíveis em termos de regras que os governam e os regulam.

Na verdade, *A arqueologia do saber* se constitui numa descrição bastante complexa e didática do método arqueológico, uma teoria que tenta compreender o funcionamento dos discursos que constituem as ciências humanas, tomando-os não mais como conjuntos de signos e elementos significantes que remeteriam a determinadas representações e conteúdos, mas como um conjunto de práticas discursivas que instauram os objetos sobre os quais enunciam, circunscrevem os conceitos, legitimam os sujeitos enunciadore e fixam as estratégias sérias que rareiam os atos discursivos.

Com o método arqueológico Michel Foucault tenta descrever não só as condições de possibilidade dos enunciados que formam as ciências empíricas, mas as condições mesmo de existência desses enunciados. Para tanto segundo Foucault (1993:28).

*“é preciso renunciar a todos os temas – tradição; influência; desenvolvimento e evolução; mentalidade ou espírito; tipos e gêneros; livro e obra; idéia da origem; já-dito e não dito – que têm por função garantir a infinita continuidade do discurso e sua secreta presença no jogo de uma ausência sempre reconduzida.”*

Ao colocar em suspenso todas essas “sujeições antropológicas”, é possível descrever quais os atos discursivos que conquistaram sua liberdade condicionada, após terem passado por um interrogatório numa espécie de “polícia discursiva”, que se reativa a cada um dos discursos efetivamente ditos e, que determina aquilo que pode e deve ser dito por um sujeito autorizado, com base num método aceito, se inserindo dessa maneira no verdadeiro da época. Não se trata, todavia, de qualquer ato discursivo: enunciados do cotidiano, por exemplo, mas de “atos discursivos sérios”, isto é, enunciados que manifestam uma incessante “vontade de verdade”. Esses enunciados sérios então se relacionam com enunciados do mesmo ou de outros tipos e são condicionados por um conjunto de regularidades internas, constituindo um sistema relativamente autônomo, denominado de formação discursiva.

E é nesse sistema que internamente se produz um conjunto de regras as quais definem a identidade e o sentido dos enunciados que o constituem. Em outros termos, é a própria formação discursiva como uma lei de série, princípio de dispersão e de repartição dos enunciados que define as regularidades que validam os seus enunciados constituintes, que por sua vez instauram os objetos sobre os quais ela fala, os sujeitos que legitima para falar sobre esse objeto, definem os conceitos com os quais operará e as diferentes estratégias que serão utilizadas para definir um “campo de opções

possíveis para reanimar os temas já existentes ... permitir, com um jogo de conceitos determinados, jogar diferentes partidas” (Foucault, 1993: 45).

Depois dessa breve apresentação do conceito de formação discursiva em Foucault, discuto a emergência desse conceito em Pêcheux. O conceito de formação discursiva teria aparecido pela primeira vez em Michel Pêcheux no seu artigo *A semântica e o corte saussureano: língua, linguagem e discurso*. Ao criticar os lingüistas pós-saussureanos – estruturalistas europeus do final dos anos sessenta - por terem de alguma maneira trazido o modelo fonológico saussureano para o domínio do sentido, produzindo uma espécie de filosofema geral que caracterizaria toda a lingüística, Pêcheux mostra que ao se pensar as sistematicidades da língua como um *continuum* de níveis, se esta na verdade, recobrindo o corte saussureano entre *langue/parole*. “O elo que liga as significações de um texto as suas condições sócio-históricas, não é secundário, mas constitutivo das próprias significações” (Pêcheux, 1971:147). Pêcheux propõe então uma *intervenção epistemológica* nas semânticas lingüísticas. É preciso “mudar de terreno” e encarar uma nova problemática, o *discurso*. E esse conceito deverá ser pensado à luz do materialismo histórico. É a partir dele que se pode fazer a localização de novos objetos, colocando-os em relação com a ideologia.

*“(..) le point essentiel ici est qu’il ne s’agit pas seulement de la nature des mots employés, mais aussi (et surtout) des constructions dans lesquelles ces mots se combinent, dans la mesure où elles déterminent la signification que prennent ces mots: comme nous l’indiquions en commençant, les mots changent de sens selon les positions tenues par ceux qui les emploient; on peut préciser maintenant: les mots “changent de sens” en passant d’une formation discursive à une autre. (Pêcheux,1971:148) (grifos do autor).*

Entretanto, ao verificar o inventário intelectual de Michel Pêcheux, é possível constatar que o gérmen desse conceito aparece alguns anos antes de 1971, num outro texto de Pêcheux, *Lexis et metalexis: les problemes des determinants*, escrito a quatro mãos com C. Fuchs. Na verdade, o esboço de tal conceito aparece em forma de nota de fim no texto de A. Culioli, *Notes sur la formalisation en linguistique*.

*“Il ne s’agit nullement de remettre en cause l’idée selon laquelle ‘la langue n’est pas une superstructure’ (au sens marxiste de ce mot) mais d’avancer que les **formations discursives** sont, elles, fondamentalement liées aux superstructures, à la fois comme effets et comme causes. Une théorie de ‘l’effet de discours’ ne peut ignorer ce point, quelle que soit par ailleurs la manière dont elle formule son objet (sous la forme d’une ‘pragmatique’ d’une ‘rhétorique ou d’une ‘stratégie de la argumentation’)” (Pêcheux & Fuchs, 1968:32) (grifos meus).*

Chamo atenção para o fato de que o conceito formação discursiva embora não esteja desenvolvido, está enunciado desde 1968, data da publicação do artigo de Culioli, Pêcheux e Fuchs. O que me possibilita asseverar que, pelo menos no seu processo de gestação, esse conceito não veio da *A Arqueologia do Saber* de Michel Foucault, cuja primeira publicação data de 1969. Embora as discussões sobre *A Arqueologia do Saber* já estivessem latentes entre a *intelligentsia* francesa, mesmo antes de sua publicação, penso que tal conceito tenha derivado do paradigma marxista *formação social, formação ideológica* e, a partir daí, *formação discursiva*.

É possível então asseverar que essa noção tem uma paternidade partilhada: inicialmente a de Pêcheux em 1968 e depois a de Foucault em 1969. No caso deste último pensador esse conceito, prolongando seu projeto inicial da episteme em *As Palavras e as Coisas*, oscila constantemente entre uma interpretação em termos de regras e uma outra em termos de dispersão. Foucault parece obedecer a duas injunções contraditórias: trabalhar sobre sistemas e no mesmo processo desfazer toda unidade ou trabalhar sobre as regularidades da dispersão.

Para Foucault a formação discursiva é vista como um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos lingüísticos, tal como as proposições, atos de fala ou frases, mas submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria, etc. Dito de outro modo, para o filósofo francês o que garante a unidade de um discurso clínico, por exemplo, não é a sua linearidade formal – sintática ou semântica –, mas algo comparável a uma diversidade de instâncias enunciativas simultâneas (protocolos de experiências, regulamentos administrativos, políticas de saúde pública, etc). Michel Foucault chama de *écart* enunciativo a regra de formação (as modalidades enunciativas) dos enunciados na sua heterogeneidade, na sua impossibilidade de se integrar a uma única cadeia sintática.

Já em Pêcheux o conceito, gestado no ventre do marxismo/althusserianismo, aparece como “*aquilo que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma *de um harengue, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa*, etc) a partir de uma posição dada na conjuntura social”. É possível interpretar esse conceito, por meio dos exemplos dos gêneros textuais entre parênteses, a partir de uma dupla leitura: em termos de gênero ou em termos de posição. Parece-me que Pêcheux ao sublinhar *aquilo que pode e deve ser dito* e se situar no espaço da luta de classes, trazendo como exemplos de gêneros os que privilegiam uma luta ideológica explícita, opta pela segunda interpretação. A questão dos gêneros mesmo indiciada, não é discutida.

### 3. Formação & gênero discursivo

Embora fundamental para fugir de uma interpelação ideológica homogênea do sujeito, ou seja, de uma determinação ideológica idêntica nas mais diversas produções discursivas do sujeito e, também de uma *gramaticalização* do discurso, nos termos de Courtine (1999:10), essa articulação entre posição de um lado e gênero de outro não é feita nem por Foucault e nem por Pêcheux. Enquanto este último exemplifica essa noção a partir de discursos ideologicamente marcados, privilegiando notadamente a luta política, Foucault a exemplifica com discursos da história das ciências, verificando as condições que possibilitam a irrupção e a legitimação de determinados discursos no verdadeiro de uma época. Como então pensar por um lado a irrupção de discursividades distintas daquelas as quais Foucault pensara, por exemplo as do cotidiano ou próprio discurso político atual que se configura como um verdadeiro espetáculo midiático e, por outro, a irrupção dessas últimas discursividades em uma sociedade na qual a existência de classes se espraia ao extremo?

Em um artigo ainda inédito aqui no Brasil, Sônia Branca (2003:7), assevera o seguinte:

*“La notion de formation discursive élaborée par M. Pêcheux (dans le cadre d’un projet d’analyse du discours appuyé sur la linguistique) pose des problèmes mal surmontables, notamment lorsque l’analyste ne travaille plus sur*

*des écrits doctrinaux ou administratifs bien stabilisés, ce qui entraîne l'impossibilité de circonscrire quelque chose qu'on puisse appeler formation discursive. Dans cette deuxième configuration, il reste de l'idée première la présence forte de l'interdiscours, la prise en compte du fait que le discours est en réaction, en réactivité aux discours qui le bordent, le travail consistant à traquer la présence de l'altérité au cœur des énoncés."*

A afirmação de Branca (2003:7) sugere a necessidade de se repensar o conceito de formação discursiva, levando-se em consideração de uma parte, a própria noção de formação discursiva em forma de posicionamento subjetivo-ideológico e de outra parte, o conceito de gênero do discurso de Bakhtin. Essa articulação proposta por Branca permite que a constituição-bordeamento exterior da formação discursiva não seja reescrita somente em termos de uma determinação ideológica, mas também em termos de conteúdo temático, estilo verbal e estrutura composicional. Dito de outro modo, além do posicionamento ideológico, os elementos que constituem o gênero possibilitam uma espécie de trajeto de interpretação para o sujeito.

Dominique Maingueneau (2003:15) em um texto também ainda inédito aqui no Brasil, na mesma direção de Branca, aponta para a necessidade de se repensar o conceito de formação discursiva. Segundo esse autor, tal repensar forneceria ao trabalho dos analistas de discursos delimitações mais claras entre uma formação discursiva e outra. Ou seja, de alguma forma essa delimitação seria garantida empiricamente e não ficaria apenas a critério dos analistas.

A proposta de Maingueneau embora aparentemente caminhe na mesma direção de Branca, difere daquela, pois carrega consigo uma forte preocupação com uma delimitação empírica entre formações discursivas. Ou seja, no entendimento de Maingueneau é preciso estabelecer linhas demarcatórias entre uma formação e outra. Contudo, esse mapeamento de formações discursivas não pode ficar exclusivamente a cargo do olhar dos analistas. É necessária a construção de limites, fronteiras que definam claramente os contornos das diferentes formações discursivas ou das unidades de análise de discursos. Para tanto, Maingueneau propõe os conceitos de unidade tópica e de unidade não tópica. A primeira se subdivide em unidades dominiais: os discursos das ciências sociais e humanas, por exemplo e, em unidades transversas, como o próprio nome indica, atravessam as primeiras: por exemplo os gêneros discursivos usados nos meios de comunicação. As unidades dominiais, por sua vez se subdividem em "tipos" de discurso: o literário, o administrativo, publicitário, por exemplo e, em posicionamentos, que são a condição e o produto da delimitação de um trabalho simbólico. E as unidades transversas se subdividem em unidades de base lingüística e, unidades de base comunicacional, por exemplo, os discursos divulgados pelos mais diversos suportes midiáticos. Há ainda as unidades não-tópicas, que no entendimento de Maingueneau são construídas independentemente de fronteiras lingüísticas ou comunicacionais. Estas também se subdividem em duas. A primeira como formação discursiva: trata-se de uma construção do próprio pesquisador: o discurso racista, o discurso machista, o discurso feminista, etc e, a segunda como percurso que se constitui num modo de olhar para os discursos levando em consideração aspectos de natureza formal, tipos de metáfora ou de discurso reportado que determinado discurso mobiliza, por exemplo. Embora Maingueneau dê uma boa arrumada na tipologização das discursividades produzidas atualmente, acredito ainda que o conceito de gênero do

Bakhtin dá conta de abarcá-las. Falta, a partir desse conceito, pensar o posicionamento subjetivo do seu produtor.

Diante disso, tal como Branca, acredito que seja possível pensar numa articulação entre formação discursiva e o conceito de gênero do discurso, visto que essa articulação possibilita mostrar que uma formação discursiva possui uma autonomia dependente tanto das instituições a partir das quais é produzida, quanto do gênero, isto é, *aquilo que pode e deve ser dito*, sofre uma espécie de regulação, de *contrainte* tanto do gênero discursivo quanto do posicionamento institucional dos sujeitos.

Com isso, não sem complexidade e esgotamento, penso que seria possível reinterpretar esse conceito, deixando de ver de um lado o gênero como acessório e o posicionamento como determinante, mas ambos como elementos essenciais no fornecimento das condições que possibilitam a irrupção das discursividades. Acredito que tal articulação daria conta de explicar, por exemplo, como um mesmo *slogan* ou discurso político se inscreve no verdadeiro de uma época em distintas administrações municipais, ou estaduais dirigidas pelos mais diversas posições ideológicas. Ou mesmo como as mais distintas tendências ideológicas existentes no ocidente aderiram a partir do final dos anos oitenta o mesmo discurso da *empregabilidade*, enunciando que não se trata de haver ou não postos de trabalho, como diz Possenti (2004), mas de os postulantes estarem ou não preparados para ocupar tal posto.

Ao propor uma reinterpretação dialógica do conceito de formação discursiva, com base em Sonia Branca, penso ser possível começar a devolver a Análise do Discurso a sua vocação heurística, visto que essa reinterpretação antes de se constituir em uma unidade estrutural de análise que atrela o sentido à ideologia, tipologizando, (de)limitando os discursos em de direita ou de esquerda, por exemplo, o que na prática se constituiria numa espécie de reconfiguração dos procedimentos harrisianos, se apresenta como uma categoria estratégica com vocação interpretativa que permite compreender as condições ideológicas, lingüísticas, composicionais e temáticas que possibilitam a irrupção das discursividades atuais.

#### 4. Referências Bibliográficas

- BRANCA, S. R. *Formation discursive : une notion trop ambiguë?* 2003 (mimeo).
- COURTINE Jean-Jacques. O discurso inatingível : marxismo e lingüística (1965 – 1985). Trad. Heloisa Monteiro Rosário. Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n 6, 1999.
- CULIOLI, Antoine. La formalisation en linguistique, in Cahiers pour l'analyse, Editions du Seuil, n. 9, juillet 1968.
- GUILHAUMOU, Jacques. Les historiens du discours et la notion-concept de formation discursive. Récit d'une transvaluation immanente, 2003 (mimeo)
- MALDIDIER, Denise. A inquietação do discurso : (Re) ler Michel Pêcheux hoje. Tradução Eni P. ORLANDI. Campinas, Pontes, 2003.
- MAINGUENEAU, D. *Au-delà des formations discursives: les unités de l'analyse du discours*. 2003. (mimeo).
- PÊCHEUX, Michel. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. *Revue Langages*, 24, 1971. (Tradução provisória nossa).
- POSSENTI, Sírio. *Teoria do discurso : um caso de múltiplas rupturas*. In. MUSSALIM, F. & BENTES, A C. (Orgs.). *Introdução à lingüística : fundamentos epistemológicos*. São Paulo : Cortez, 2004.